

«apóstola dos apóstolos»



Maria Madalena a estudar, por Francesco Trevisani (séc. XVII)

as mil manipulações de Maria Madalena

Entrevista a LUCETTA SCARAFFIA por «*Le Monde de la Bible*»



Eugenio Prati. *Cristo e Maria Madalena*. 1904

Historiadora que há décadas estuda a realidade feminina em relação com a tradição cristã, e diretora de “*donne chiesa mondo*”, o suplemento mensal do jornal do Vaticano, “*L’Osservatore Romano*”, de que é editora e consultora, Lucetta Scaraffia explica em entrevista à edição mais recente de “*Le Monde de la Bible*” como ao longo dos séculos a Igreja eliminou pouco a pouco o papel de apóstola de Maria Madalena, sobrepondo-lhe o rosto de pecadora arrependida.

Maria Madalena é mais a pecadora ou a apóstola?

Gostava de começar com uma recordação pessoal. Quando era jovem, em Milão, depois do maio de 1968, muitas mulheres nos ambientes feministas italianos chamavam as suas filhas de Madalena. Para elas era claramente em antítese de Maria: tratava-se de contrapor à figura da mulher obediente a da dona livre e pecadora. Foi então que comecei a interessar-me por Maria Madalena, que penso ter sido uma das figuras mais manipuladas da história. Da parte quer da Igreja quer das feministas, entre outros.

Porquê este olhar dúplice sobre Maria Madalena?

Maria Madalena é uma figura forte desde os inícios do cristianismo. Mas, numa sociedade patriarcal, que Jesus ressuscitado tenha aparecido em primeiro lugar a uma mulher, confiando-lhe a missão de anunciar aos apóstolos a sua ressurreição – a mais alta missão possível! –, foi um problema para os homens do seu tempo.

Isto traduziu-se de várias formas. Por exemplo, no gnosticismo, a primeira heresia cristã, que tinha grande interesse por Madalena: os gnósticos pensavam que Cristo tinha transmitido um ensinamento secreto, recolhido na “*Pistis sôphîa*”. Madalena aparece como uma apóstola de pleno direito, que chega a opor-se a Pedro, ao ponto de o vencer depois de se ter tornado num homem, ou melhor, uma espécie de ser andrógino.

Com Maria Madalena coloca-se a pergunta sobre a sexualidade de Jesus, verdadeiro filão de toda uma série de autores que apreciam o escândalo, a começar por Dan Brown...

Se Jesus tivesse tido relações sexuais com mulheres ter-se-ia sabido! Nos Evangelhos ouvem-se as críticas dos fariseus porque comia e bebia juntamente

com publicanos e pecadores (cf. Mateus 9, 11), pelo que se pode muito bem imaginar que se tivesse tido uma mulher, saber-se-ia. Todavia não penso que para Ele a ausência de uma mulher exprimisse antes de tudo uma recusa radical da sexualidade. Havia, porém, o risco de uma família hereditária. Se tivesse tido uma criança, a identidade de Filho de Deus seria posta em perigo e isto teria marcado o fim do cristianismo. De resto, são conhecidas as dificuldades, no seio da Igreja primitiva, entre quantos vinham do paganismo e os judeo-cristãos agrupados em torno da família natural de Jesus. Não, realmente, se Jesus tivesse tido filhos, ter-se-ia sabido!

A questão das relações familiares é em todo o caso importante porque o facto de Jesus, após a sua ressurreição, ter escolhido aparecer a Madalena em primeiro lugar, e não à sua mãe, está efetivamente em contraste com as tradições familiares da época. Daí nasceu toda uma série de lendas segundo as quais Jesus teria aparecido antecipadamente e em segredo a Maria e só depois a Madalena; era uma forma de salvaguardar as relações familiares tradicionais. Mas essas narrativas não estão reportadas nos textos canónicos. Quando penso que se os Evangelhos, escritos por homens – e por homens daquele tempo, em que a mulher era considerada como tendo uma dignidade inferior – conservaram a tradição da aparição de Jesus a Madalena em primeiro lugar, é verdadeiramente porque não podiam fazer de outra forma!

Porque é que então se impôs a imagem de Maria Madalena como pecadora?

Começou a assimilar-se a figura de Madalena à de outras duas Marias presentes no Evangelho: a irmã de Marta (cf. Lucas 10, 38-41) e a prostituta que lhe lavou os pés com as suas lágrimas (Lucas 7, 36-50). Maria de Betânia, irmã de Marta, é também irmã de Lázaro, o amigo de Jesus (cf. João 11, 1-45); é, por isso, uma figura quase de família que permite tornar menos perigosa e menos inquietante a sua proximidade a Jesus. Quanto à prostituta, é fácil lançar sobre ela um véu de suspeição e permitir assim a Maria Madalena estar menos em competição com a figura de Maria.

Por outro lado, deve sublinhar-se que as tradições do Oriente e do Ocidente sobre este ponto entram em oposição: o Oriente cristão festeja separadamente Maria de Betânia e Maria de Magdala, enquanto que o Ocidente, a partir do século IV, acomunou-a com a prostituta na figura de Maria Madalena. Esta escamoteação transformou Maria Madalena em mulher arrependida que chora pelos seus pecados e por isso deixa de ser a missionária encarregada de anunciar a notícia da ressurreição.

Porquê esta escamoteação?

Escolher a imagem da pecadora arrependida permite ocultar a ligação de Jesus às mulheres, de quem, ao contrário, Ele gostava muito. Mesmo aquelas com uma vida “irregular” são sempre muito importantes em todos os Evangelhos.

Jesus vê que as mulheres amam mais que os homens, que compreendem melhor do que os homens o amor. Assim é a samaritana, a primeira pessoa à qual anuncia que é o Messias (cf. João 4, 26). Mesmo se ela teve uma vida desregrada – o Evangelho refere-nos que teve cinco maridos e aquele que agora tem não o é, diz-lhe Jesus –, é uma mulher que procura amor e para Jesus esta é a coisa mais importante.

Dizer que Madalena é uma prostituta é, portanto, uma maneira de a diminuir, mas mostra também a proximidade de Jesus a estas mulheres à procura de amor, mulheres que Ele muito amou que são muitas vezes apagadas no Evangelho, significando o lugar que Jesus lhes dava. De resto, não se pode excluir que Jesus tenha tido outros relacionamentos com mulheres não reportados pelos Evangelhos. Mas teria sido realmente impossível esconder Maria Madalena a partir do momento em que foi uma figura central na vida de Jesus. Assim, transformá-la em pecadora permitiu eliminar o seu papel de apóstola durante dois mil anos e bloquear o papel das mulheres na Igreja.

Esta eliminação foi completa na Igreja?

Sim. À exceção, talvez, da França, onde uma tradição popular se apropriou da figura de Maria Madalena, confundindo-a, possivelmente, com a figura de Maria Egíziaca, a santa da Palestina que vive na luxúria antes de se retirar para uma gruta no deserto. Uma tradição refere que Maria Madalena teria chegado às costas da Gália e começado a evangelizá-la, antes de terminar os seus dias numa gruta no deserto, em Sainte-Baume. Fazer de Maria Madalena a evangelizadora da Gália permitia à Igreja em França reivindicar uma origem apostólica a par com Roma (Pedro), Bizâncio (André) ou Espanha (Tiago), ainda que aqui se trate de uma mulher. É assim que a tradição popular a acolheu como apóstola, enquanto a Igreja a constrangia ao seu papel de pecadora.

Na prática, como se expressou esse papel?

Um exemplo é o dos numerosos institutos criados ao longo da história e destinados às pecadoras, às prostitutas, às jovens que tinham “pecado” e que, mais ou menos obrigadas, escolhiam arrepender-se numa vida de género religioso. Quase todas essas casas, que as convertiam numa boa vida de família, estavam sob a protecção de Maria Madalena, incluindo aquelas para as viúvas, por seu lado suspeitas porque conheciam o sexo. As virgens, ao contrário, iam para outras instituições, a maior parte sob a protecção de Maria.

Vem à mente o filme “Madalena” [2001] sobre a terrível condição das jovens nesses institutos do século XX na Irlanda...

Felizmente não havia só esses. Havia também muitos conventos em que as coisas funcionavam bem. Em Itália, em muitos deles, ensinava-se um ofício às

mulheres ou até se lhes dava um dote para que se casassem. Só havia a preocupação de lhes oferecer uma vida familiar honesta e regular.

Outro exemplo do desenvolvimento da figura de Maria Madalena como pecadora está na pintura. Ainda que a maior parte das modelos dos pintores eram prostitutas, em Roma era proibido representá-las. Não se podia de facto admitir que houvesse prostitutas na cidade do papa! Pintavam-se por isso prostitutas “venezianas” ou Maria Madalena como pecadora arrependida. Era igualmente uma maneira para os pintores fazerem passar conteúdos eróticos, com amplos decotes e copas vermelhas, sinal da paixão sexual.

Porque é que a figura de Maria Madalena como apóstola voltou ao primeiro plano?

Nestes últimos anos muitas mulheres exegetas releeram os Evangelhos e começaram a protestar. O seu trabalho permitiu compreender melhor as relações de Jesus com as mulheres, ver melhor o lugar dos vários personagens que compõem a figura atual de Maria Madalena e redescobrir o seu papel de apóstola. Restabelecer a verdade.

Mas o mesmo vale para Maria: fez-se dela um exemplo de obediência de humildade que todas as mulheres deviam seguir. Mas Maria é antes de tudo um exemplo de coragem! Esta jovem aceita ficar grávida ainda antes de se casar, mesmo sabendo que arriscava a lapidação; precisou de uma coragem incrível. Mas, durante séculos, ninguém sublinhou este aspeto.

A 10 de junho de 2016 o Vaticano elevou a memória litúrgica de Santa Maria Madalena a festa litúrgica e publicou um novo prefácio [da oração eucarística] para ela que é agora «a apóstola dos apóstolos». Porque é que esta decisão é importante?

Trata-se de uma decisão do papa Francisco. Que tenha dado a Maria Madalena o título de «apóstola dos apóstolos» é fundamental! Para mim, colocar Madalena no mesmo plano dos apóstolos é ainda mais importante que ordenar mulheres sacerdotes, porque atribui às mulheres uma igualdade ainda mais profunda no âmbito da evangelização. Retenho que é uma decisão tão importante como a de Paulo VI que, em 1970, atribuiu a Teresa de Ávila e Catarina de Sena o título de doutoras da Igreja. Creio que é uma decisão litúrgica e teológica que não será possível eliminar e a partir da qual se poderá chegar à plena igualdade em cada âmbito.

In *L'Osservatore Romano*, 8.3.2018

Trad.: SNPC | Imagem: "Cenas da vida de Maria Madalena" (det.) | Giotto | 1320 (década) | Basílica de S. Francisco, Assis, Itália | Publicado em 07.03.2018

o grito de Nagasaki!



Em mais um ano sobre a destruição de Nagasaki, a 9 de Agosto de 1945, pelo exército americano, três dias depois de ter executado o primeiro e único ataque nuclear da humanidade sobre a população na cidade de Hiroshima, paramos o estrondo dos tambores da guerra que o mesmo exército americano continua a espalhar pelo mundo, para escutar o grito de Nagasaki, hoje, 72 anos depois da barbárie. Nas notas musicais esculpidas ou nas palavras ao sufoco arrancadas, no som e na fúria que a memória de todas as vidas dizimadas nos marca no presente, procuramos na força da música a voz para que, hoje, perante o clamor da guerra, saibamos gritar o sentido da paz.

Krystof Penderecki é o mais popular compositor polaco, cuja capacidade para ilustrar musicalmente o lado mais obscuro e selvagem da mente humana tem transformado o grande compositor contemporâneo num dos favoritos de realizadores de cinema como Kubrick em *Shining*, William Friedkin em *O Exorcista*, ou no mais recente *Shutter Island*, de Scorsese. A sua música é plástica ao ponto de se transformar na própria essência que constrói para além das notas, libertando o som de toda a tradição. Este «Threnody for the Victims of Hiroshima», de 1960, faz-nos viajar até ao horror, ao medo e à demência da destruição assassina lançada sobre Hiroshima e Nagasaki. Uma obra-prima da música de vanguarda.

<https://www.youtube.com/watch?v=Dp3BIFZWJNA&feature=youtu.be>

Durante uma *tournee* no Japão para celebrar o 50.º aniversário dos bombardeamentos de Hiroshima e Nagasaki, o pianista Mal Waldron gravou um disco inteiramente novo, todo ele luminoso e marcado pela criatividade, pela dádiva da simplicidade e da expressão universal dessa mensagem de paz. Acompanhado pelo mais encantador tom de voz do planeta jazz, o da cantora Jeanne Lee, ou da flauta de Toru Tenda, cada nota é um desafio que o improvisado nos coloca, na busca da paz.

<https://www.youtube.com/watch?v=xERkQzxEZPc&feature=youtu.be>

Em 1966, Coltrane, com a sua esposa Alice e um quinteto histórico com Pharaoh Sanders, Jimmy Garrison e Rashied Ali, visita o Japão para uma *tournee* com efeitos mágicos sobre a música ali criada e registada no álbum *Live in Japan*. Música intensamente marcada pela tragédia de Nagasaki, cidade que volta a ficar na História por motivos além dos da guerra, pela inspiração deste monumental «Peace On Earth», do grupo de John Coltrane, aqui numa gravação de estúdio de Fevereiro nesse mesmo ano de 66.

<https://www.youtube.com/watch?v=HpczLi-vxSk&feature=youtu.be>

Em 2017, a ameaça nuclear permanece, com a tensão militar dos EUA e da NATO, com bases espalhadas por todo o mundo e conflitos intermináveis a empurrar o planeta para um permanente clima de medo. Nada que Sun Ra não nos tivesse já anunciado em 1981 na sua consciente visão de futuro em «Nuclear War».

<https://www.youtube.com/watch?v=e6qbSHKzcmI&feature=youtu.be>

Em 2002, o colectivo Yo La Tengo, históricos do rock independente e experimentalista americano desde os finais da década de 1980, voltou a explicar, agora às crianças e a todos os pais e mães, o que quer dizer Sun Ra, quando diz «Nuclear War», numa curiosa versão tão generosa nas doses tóxicas de funk como nas de atitude punk com que nos expõe ao psicadelismo desta versão que nos desmascara o repetitivo absurdo da guerra e da permanente ameaça de destruição.

<https://www.youtube.com/watch?v=FShnILtLnoQ&feature=youtu.be>

TIAGO SANTOS. Músico
(09/08/2017)



Hipátia de Alexandria – Matemática e filósofa

«Havia em Alexandria uma mulher chamada Hipácia (ou Hipátia), filha do filósofo Teón, que fez tantas realizações em literatura e ciência que ultrapassou todos os filósofos da época. Tendo progredido na escola de Platão e Plotino, ela explicava os princípios da filosofia a quem a ouvisse, e muitos vinham de longe receber os ensinamentos», diz Sócrates, o Escolástico, na História Eclesiástica (século V). Não há certezas quanto à sua data de nascimento (entre 350 e 370 d.C.) nem da sua morte (entre 415 e 416), mas sabe-se que foi vítima do conflito entre religião e ciência em que a cidade de Alexandria estava mergulhada nos séculos IV e V da era cristã. Influenciados por Cirilo, patriarca de Alexandria, cujos seguidores espalharam o boato de que a filósofa se dedicava à bruxaria, fanáticos cristãos capturaram Hipátia, arrastaram-na para uma igreja, despiram-na e apedrejaram-na até à morte. O corpo foi depois esquartejado e queimado. Cirilo não foi responsabilizado pelo crime e veio a ser canonizado como São Cirilo de Alexandria. Pagã num tempo dominado por tensões religiosas, Hipátia, uma das primeiras mulheres a estudar e ensinar matemática, astronomia e filosofia e a única que dirigiu o Museu de Alexandria, permanece como um símbolo da libertação das mulheres.